

# História do bairro confunde-se com memória da BA

*Nome presta homenagem à luta pela independência baiana do domínio português, no 2 de julho de 1823*

Liberdade. Tropas do Exército Pacificador, criadas pelo imperador D. Pedro I, desfilam na Estrada dos Bois pela Independência da Bahia no dia 2 de julho de 1823, juntamente com os voluntários da resistência que se formou no interior do Estado contra os portugueses, em lugares como Cachoeira, Santo Amaro e a Ilha de Itaparica. Foi assim que o bairro foi rebatizado como Liberdade, representando o esforço de muitas pessoas que acreditavam no patriotismo.

No Dia da Independência da Bahia, será relembrada a luta, com os desfiles dos carros do Caboclo e da Cabocla, representando o povo do interior baiano, que foram os primeiros organizadores de focos de resistência contra a dominação portuguesa. A beleza do desfile comemorativo é lembrada por muitos moradores do bairro da Liberdade, como uma das principais representações culturais deste que é o terceiro maior bairro do mundo e o segundo da América Latina.

Formada na sua grande maioria por negros e de baixa renda, o bairro tem 400 mil moradores, e cada um percebe que tem uma história diferente para contar. "Você poderia passar 10 anos estudando o bairro e ainda assim não esgotaria as fontes de pesquisa", disse Alirio Tumbiã, presidente do bloco afro Alahê. O que se pode perceber de imediato sobre a rica tradição da história oral do bairro são as nomeações de ruas a partir de dados do cotidiano.

A Estrada dos Bois, nome antigo da Avenida Lima e Silva, remete aos animais das fazendas da Igreja Católica, que arrendou as suas terras aos primeiros moradores da Liberdade. Aliás, esta é a principal característica da história da formação dos bairros em Salvador.

Até há não muito tempo havia na Liberdade a roça dos Frades que, segundo muitos moradores, construíram a Fonte do Estica, à Rua Coronel Tupi Caldas. "Eu acho que a fonte é chamada de Estica, por causa das brigas que havia para pegar água", acredita Aurelito Santos, morando há 45 anos próximo à fonte.

"A água é um pouco salgada, mas serve muito bem para as principais necessidades. Ainda hoje, quando falta água no bairro, vem uma enorme caravana de pessoas para se abastecer na Fonte do Estica", disse Aurelito.

Outro local de grande aglutinação de moradores é a Feira do Japão. "Nunca vi nenhum japonês na feira", afirmou Faustina Cruz, frequentadora assídua da feira há 25 anos, quando se mudou para a Liberdade. Alguns moradores acreditam que o nome pode ser uma homenagem ao bairro da Liberdade em São Paulo que foi fundado por japoneses.

O bairro da Liberdade de São Paulo é o maior da América Latina, e assim como ele, o de Salvador é bastante movimentado. O comércio do local é grande, com lojas de miudezas a eletrodomésticos, camelôs, carros, ônibus, igrejas de todas as religiões e sistemas de alto-falantes, com sons distorcidos, tocando músicas variadas e fazendo propaganda de comerciantes locais.

O sistema de alto-falante *Som Liberdade*, fundado há 20 anos, atualmente funciona com 15 alto-falantes, distribuídos ao longo da Avenida Lima e Silva e que mal são ouvidos diante da turba de pessoas e da grande quantidade de veículos circulando pelo bairro. A Liberdade é, definitivamente, do povo.



*Vovô dirige entidade afro preocupada em resgatar identidade racial*

## Ilê Aiyê é foco de resistência

Os blocos afro do bairro da Liberdade são hoje a sua principal referência cultural. Segundo o presidente do Ilê Aiyê, Vovô, a difusão da cultura africana e o reconhecimento da sua importância fizeram com que a Liberdade recuperasse a sua identidade. "O negro, maioria absoluta do bairro, hoje, apesar de ainda ser discriminado, é respeitado e dá valor à sua cultura", disse Vovô.

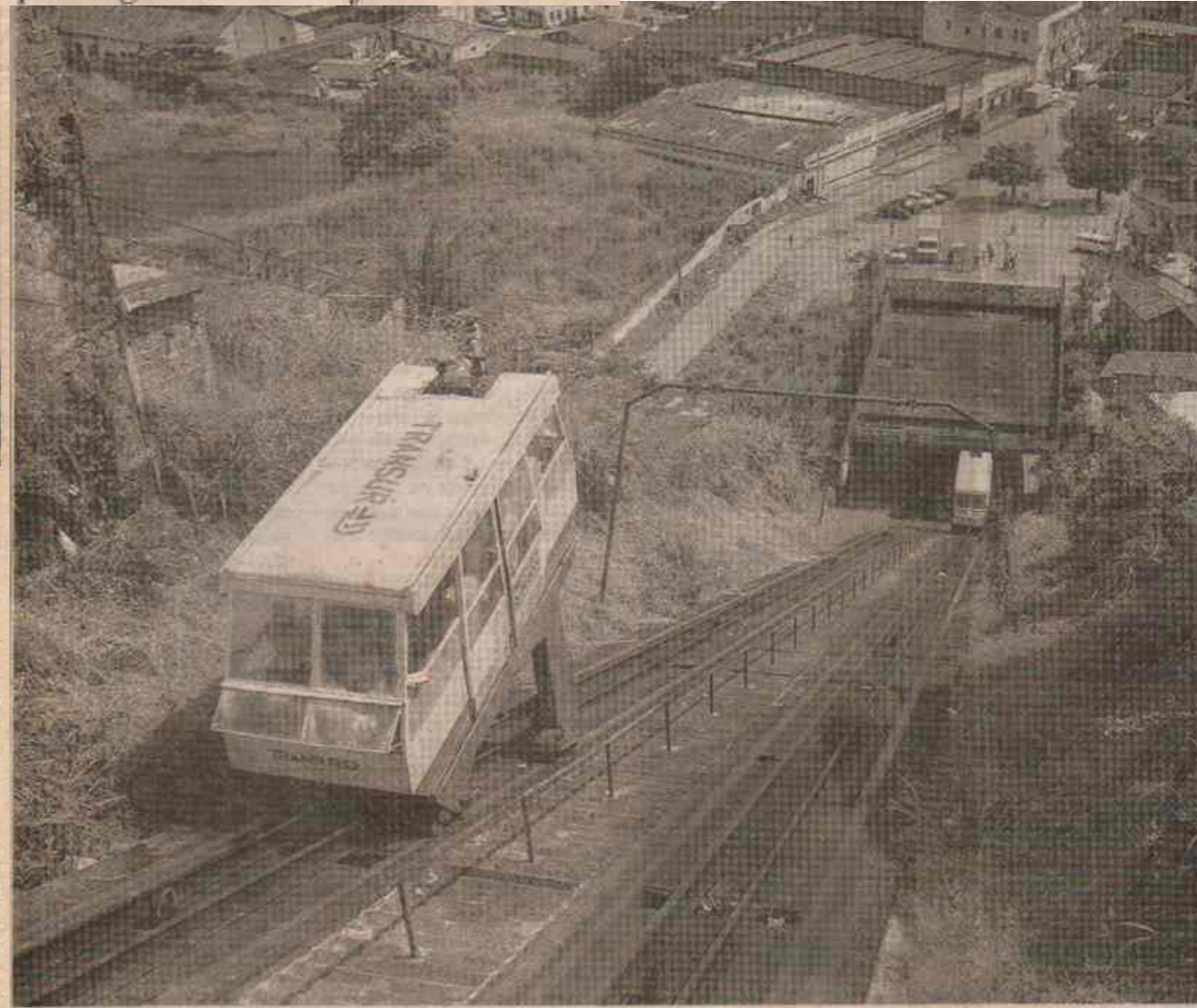
Há três anos o bloco desenvolve no bairro o projeto de Extensão Pedagógica Ilê Aiyê, difundindo em escolas da Liberdade a história do bloco, da diversificada cultura africana e da sua influência no Brasil, através de cartilhas, professores especialmente capacitados para o trabalho e das ações culturais com estudantes (oficinas artísticas, exibição de vídeos, debates e palestras).

Criado em 1974, há 21 anos, o Ilê Aiyê desfila no Carnaval baiano mostrando toda a beleza da cultura africana. Todos os anos é escolhido um

tema para mostrar no Carnaval. O tema antes de ser escolhido é pesquisado na ampla história e tradição afro-brasileira. Em 1998, a Guiné foi selecionada, contando a história deste país da África Ocidental, com capital Kona-cry, onde a maior parte do povo pertence à etnia Soussou e tem como símbolo o Elefante.

Funciona também na Ladeira do Curuzi o bloco afro Alahê, que está se reestruturando desde a sua criação em 1981, quando funcionava na Avenida Vasco da Gama. Em junho será inaugurada a sede do bloco que desfila apenas na Liberdade e terá em 1998 o mestre Fia Luna e Carlinhos Brown como tema.

Ao lado do Ilê Aiyê, outro bloco afro de grande na força na Liberdade é o Muzenza. Fundado em 1981, o bloco desfila em 1998 com o tema "Liberdade, Liberdade", contando um pouco da história do bairro da Liberdade.



*Plano inclinado, equipamento importante de ligação com a Cidade Baixa, é ponto de apoio para o sistema de transporte da Liberdade*